

MORAIS, Fernando. *Chatô, rei do Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994. 736 p.

A crítica já consagrou a obra de Fernando Morais, *Chatô, rei do Brasil*. Nossa esperança é que mais e mais biografias, no mesmo estilo, venham nos revelar a vida de personalidades da nossa história recente. A crítica também já apontou para alguns senões do livro, inevitáveis em obra de tal envergadura. O que mais lamento é a não identificação dos documentos, quando usados. As fontes genéricas são apenas arroladas, não há indicação de onde foram tirados dados específicos. A história das garrafinhas de Coca-Cola, por exemplo, *filled up* durante a longa cerimônia da coroação da Rainha Elisabeth II, pode ter sido verdadeira, mas é inverossímil. Afinal, há inúmeros idosos com problemas prostáticos que enfrentam os mesmos desafios, e o pessoal do *metier* sabe de soluções menos grotescas. . . O episódio serviu, no entanto, para acentuar o caráter moleque de Chatô. Temos assim um grande livro, uma obra-prima de acordo com Wilson Martins, que acentua com verve as molecagens de um perpétuo “menino travesso”, revela seu traço nauseabundo e desnuda, em episódios como o da mutilação de Oscar Flues, uma crueldade truculenta que se apresentava apenas como telúrica. O leitor, porém, só pára pelo peso do volume lhe cansando as mãos. A reflexão vem depois. Terá o “jornalista” – expressão usada com enorme frequência por Morais para designar seu biografado – sido somente isto? O que dizer diante desse livro-monumento “homenageando” Chateaubriand?

Aprendi a detestar Chateaubriand com artigo de Gustavo Corção de janeiro de 1955, coletado depois no livro *Dez Anos*. Fernando Morais o cita (p. 560). O artigo foi escrito a propósito da

eleição de Chatô à Academia Brasileira de Letras, mas investe contra a então recente “compra”, no Maranhão, da renúncia de um senador e seu suplente. Isso possibilitara a eleição de Chatô quando lhe dera na cachola, como já fizera anos antes com relação à Paraíba. (“Justamente em 1951, quando decidiu que queria ser senador, não era ano de eleição”, diz a segunda frase do Cap. 30 de *Chatô*). Corção, que escrevia (me parece) no *Diário de Notícias* do Rio (e não na *Tribuna da Imprensa*, como indica Moraes), investiu duro contra os colegas: “Com poucas exceções... os jornais trataram as negociações que precederam e culminaram naquelas renúncias como se a venda de uma cadeira no Senado fosse uma rotineira operação comercial”. Mais adiante acrescentava: “...não poderá mais falar em combate à corrupção quem permanecer insensível a essa negociata”. Não poupa mesmo o mais famoso tribuno da época, o Catão carioca: “O Sr. Carlos Lacerda, por exemplo, ainda não disse nada dessa repugnante negociata que aflige a dignidade do parlamento”. No meio do coro de aplausos e agachamentos, lembrado por Wilson Martins (*JB*, 17/9/94), Corção foi uma rara e brava voz discordante.

Por outro lado, aprendi a superar minha repulsa a Chateaubriand num diálogo com o quase centenário Eugênio Gudin. Num lugar especial de seu apartamento, do qual se olhava o mar de Copacabana, guardava o retrato das grandes personalidades que lhe tinham marcado a vida. Entre eles estava o de Chateaubriand. Fui franco ao revelar minha surpresa: “Sempre ouvi falar do dito de Chateaubriand que as contas velhas a gente não paga e as novas a gente deixa ficar velhas. . .” O austero economista respondeu: “Dessa história eu não sei”. Mudamos de assunto. Gudin esquecera o moleque nauseabundo, que no fim da vida o insultara (*Chatô*, p. 670), e recordava apenas o amigo da juventude que viria se tornar um dos grandes “realizadores” do Brasil. Mas, afinal, qual foi a grande “realização” de Chateaubriand? Acho possível abordar esse curioso *realizador* sob dois aspectos, intimamente conectados, de interesse central no livro de Fernando Moraes: (a) o “índio” moleque, (b) o jornalista feiticeiro.

Índio moleque

Chateaubriand era fascinado pelos índios. No seu imaginário, o passado era vivido em duas camadas. A primeira, mais

recente, a do jagunço, homem cru, "um barbatão da caatinga, um garrote que nunca levou ferro..." (p. 55). A segunda, mais antiga e bem mais fantasiosa, era a do descendente dos caetés que haviam, na foz do Coruripe, comido Sardinha, o bispo náu-frago (p. 576).

Fazendo jus à primeira imagem, Chateaubriand se autodenominou o representante da Ordem do Jagunço, da qual o mais célebre "membro" viria a ser Winston Churchill. O "gibão de couro cru... coberto por um colete do mesmo material, calças de vaqueiro e chapéu de cangaceiro" (p. 521), material parcialmente usado nas cerimônias de condecoração da Ordem, tornou-se a roupa oficial de sua campanha para Senador pela Paraíba. Aquela campanha foi encerrada com roupa bem diferente e bem diferente instrumento. Vestindo terno preto e gravata, com lenço branco na lapela, Chateaubriand falou ao povo através de um circuito fechado de TV, um meio de comunicação que inaugurara no Brasil.

É importante registrar que Chatô tanto mais cultivava a imagem de crueza do passado quanto mais se dava conta de tê-la superado. É como se quisesse conectar a sede de modernização, que buscava saciar constantemente nos centros mais avançados, com a força telúrica do sangue que trazia nas veias. Ao falar do "barbatão da caatinga", contrapunha o que devia a Pedrocá Paranhos, que lhe ensinara "*maneiras de savoir-faire*", ajudando sua passagem da "barbárie para a civilização" (p. 55). Além disso, o evento mais famoso ao qual Chatô compareceu vestido de jagunço foi o "baile de Corbeville", o grande escândalo social de 1952, apelidado pelos seus inimigos de "a bacanal de Corbeville". Chateaubriand justificou sua promoção da festa como um modo de "apresentar à alta sociedade do Velho Mundo o Brasil verdadeiro, o Brasil que somos nós: um Brasil de mestiços autênticos, mulatos inzoneiros, índios e negros a promover a vasta experiência de cruzamentos que empreendemos no trópico. . ." (p. 527). O costureiro e anfitrião Jacques Fath, ao anunciar por microfone o início da festa, vestia "um sumário *cache-sexe*, de peruca de índio e cocar sobre a cabeça". Anos depois Chatô iria também posar vestido de índio no Xingu. Outra grande personalidade brasileira que também fizera o mesmo, em São Paulo, foi Mario de Andrade.

O verdadeiro Macunaíma?

A “mania pelos índios” em Chateaubriand, a que Fernando Morais se refere (p. 576), poderá ter inspirado a primeira reportagem da dupla Jean Manzon e David Nasser para *O Cruzeiro* no início da década de quarenta. Manzon, “amarrado a uma espécie de gaiola improvisada, do lado de fora da fuselagem de um Fockwulfe 160 da FAB”, fotografou pela primeira vez uma aldeia de xavantes que quase derrubam o avião a flechadas. Dentro do avião, ao lado do piloto, David Nasser empunhava lápis e papel. A reportagem, que ganhou dezoito páginas da revista, foi considerada por Antonio Callado como a “descoberta do índio brasileiro” (p. 419-20).

Mas a paixão pelos índios brasileiros vinha de mais longe. Em novembro de 1935, foi inaugurada no Rio, com o botão acionado por Guglielmo Marconi, a primeira rádio Associada, a “Tupi, o Cacique no Ar”. Depois se seguiram as “Tamoios”, “Potis” e “Tupãs”. Em 1937 foi inaugurada a Tupi paulista, “a rádio mais potente da América Latina”. Mas a primeira manifestação daquela paixão ainda era de antes. Curiosamente se referia aos índios de maneira indireta. Trata-se da publicação da *Revista de Antropofagia – Segunda Dentição*. A revista dos modernistas deixara de circular por falta de recursos. Para sua segunda versão (dentição), encontrara abrigo no *Diário de São Paulo*, lançado por Chateaubriand em janeiro de 1929. Em 1922, não dera atenção à famosa semana na qual seu amigo Graça Aranha faria a conferência-bomba: “A emoção estética na arte moderna”. Chatô não queria irritar então os capitalistas e burgueses que eventualmente iriam financiar sua aventura jornalística. A segurança do sucesso posterior facilitou a reconciliação com os modernistas. Contratou Milton Campos, Drummond de Andrade e Oswald de Andrade. “*Tupy or not tupy, that is the question*” é verso que Chatô poderia ter inventado. Talvez esteja na raiz de seu fascínio pelos índios.

Quanto a Mario de Andrade, as relações foram mínimas. O modernista colaborou em *O Cruzeiro*. Mesmo assim ousou sugerir que a afinidade entre a mais famosa obra de Mario, *Macunaíma*, e Chatô foi enorme. Chatô fez em vida o que o personagem de Mario fez na ficção: foi um herói sem nenhum caráter. Ambos, Mario e Chatô, eram sacudidos pelos mesmos ventos: levar o Brasil à fronteira da modernidade. Em certo sentido, a tarefa de Mario era

mais fácil: afirmar um novo Brasil no mundo sem macaquear o que se fazia lá fora. A tarefa de Chatô era mais difícil: desde as novas rotativas, as técnicas de publicidade e de reportagem, o uso de agências de notícias e de artigos estrangeiros "sindicalizados", tudo vinha de fora. Para fazer aquilo à brasileira, Chatô procedia como Macunaíma, um herói sem caráter.

Num artigo em *Zero Hora* (9/9/1993), Flávio Loureiro Chaves apontou que a ausência de caráter também indica um "personagem que ainda não fixou em definitivo qualquer traço inalterável; não possuindo nenhum caráter, ele admitirá todos os caracteres". Flávio acrescenta: "Aí está, neste jogo profundamente dialético, a modernidade de Mario..." Hipótese semelhante sugiro a respeito de Chateaubriand: viveu e morreu polímorfo. Em muitos sentidos foi cruel e nauseabundo, mas não é personalidade monolítica a ser condenada por sentença unilinear. A complexidade da situação de Chatô ainda avulta quando consideramos o terrível poder que, pela primeira vez, acordou no Brasil como aprendiz de feiticeiro.

Jornalista feiticeiro

Assis Chateaubriand (1891-1968) era apenas trinta anos mais moço do que William R. Hearst (1863-1951) e conseguiu, num país bem mais atrasado como o Brasil, com um número insignificante de leitores em relação à população total, repetir a façanha do jornalista americano. Morais considera mesmo a façanha de Chateaubriand proporcionalmente maior. Foi apresentado pelo *The New York Times* como "uma espécie de Hearst brasileiro", quando viajou àquela cidade em 1946 para receber o prêmio Moors Cabot. O cordão umbilical entre Chatô e Hearst foi, no entanto, bem nítido e direto. O americano Fitz Gibbon, chefe do Departamento de Propaganda do *New York American*, jornal de Hearst, viera passar férias no Rio. Chateaubriand foi almoçar com ele e teve sucesso em persuadi-lo a vir trabalhar no Brasil: "O senhor vem para o Brasil para me ajudar a acabar com o jornalismo doutrinário, contemporâneo do século passado. Com sua ajuda, quero estabelecer métodos norte-americanos de vender mercadorias por intermédio da imprensa diária. Vamos impor aos magazines novas formas de fazer anúncios. Quem não vier atrás de nós vai morrer de fome, seu Gibbon" (p. 143).

Esse convite foi feito em fins de 1924 ou inícios de 1925. Revela o programa de vida, o verso e reverso da mesma medalha, representando o lado realizador e o lado nauseabundo de Chatô. A imprensa entremeada na rede do mercado é efetivamente o Quarto Poder de qualquer país moderno. O grande mérito de Chateaubriand foi o de tê-lo inaugurado no Brasil. Se a livre imprensa garante a democracia política, é a livre empresa que garante a liberdade da imprensa. Pode haver imprensa de propriedade privada cerceada pela censura. Foi o que aconteceu no Brasil após o golpe militar de 1964. Mas é impossível haver imprensa livre sem propriedade privada nos meios de comunicação. Trata-se de uma condição não suficiente mas absolutamente necessária. O traço admirável de Chatô foi a coragem com que enfrentou ditaduras, defendendo a livre imprensa. O traço abominável foi o abuso do Quarto Poder. Muitas vezes o admirável e o abominável estavam unidos no mesmo gesto, na mesma ação, no mesmo trecho de um artigo.

Epílogo getuliano

Getúlio Vargas é o segundo personagem mais importante do livro de Fernando Moraes. O ditador submeteu o jornalista a humilhantes prisões e confinamentos domiciliares. Estavam, porém, sempre dispostos à reconciliação que a ambos conviesse. Por ocasião da morte de Getúlio, Chatô escreveu um artigo que Paulo Francis considera o que de melhor se disse sobre o presidente suicida. Fernando Moraes reproduz partes: “Minha vida sentimental com Vargas... resultou sempre numa comédia trabalhada a canivetadas... Vargas tinha a volúpia de enganar, daí as pequenas misérias conjugais de nossa longa existência em comum... No fundo Getúlio Vargas gostava de mim porque eu era um canalha igual a ele...” (p. 559).

A frase do biografado resume o admirável trabalho do biógrafo. Lança também o clamor por alguém que tenha o fôlego e a coragem de fazer biografia semelhante de Getúlio. Ambos, Gegê e Chatô, poderiam ter sido moralmente muito melhores, mas sem a ação de ambos o Brasil não teria mudado como mudou, para melhor.

Francisco de Araujo Santos
UFRGS